

Caminhos da pesquisa na graduação em História no Brasil: um estudo sobre a produção monográfica e científica dos graduandos em História na UFG - Campus Catalão (2003-2007) *

JULIO BENTIVOGLIO¹

MARISE PEREIRA DOS SANTOS²

Resumo:

Este artigo analisa os caminhos da pesquisa nos cursos de graduação em História, a partir da experiência observada junto ao curso de História da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, entre os anos 2003 e 2007. Ele relaciona as comunicações realizadas pelos graduandos no espaço de cinco anos, apontando fontes utilizadas, domínios da história, abordagens, indicando as áreas do conhecimento percorridas e os assuntos prediletos que informaram as pesquisas realizadas pelos alunos, seja na Iniciação Científica, seja na elaboração de suas monografias de conclusão de curso. Foram reunidas 441 comunicações apresentadas pelos alunos da UFG-CAC nos dois simpósios que anualmente ocorrem sob os cuidados do curso de História e tabuladas as informações em alguns gráficos que permitem relacionar a pesquisa produzida no campus com as linhas e professores existentes e os referenciais teóricos adotados, bem como integrá-la nas tendências mais gerais da historiografia.

Palavras-chave: Pesquisa histórica; Teoria e Metodologia da História; UFG-Campus Catalão.

Abstract

This article focuses on the beginning of the research experience lived by graduation students of the Universidade Federal de Goiás, Campus Campus Catalão, between 2003 and 2007. We consider the student's papers on subjects as: kinds of sources, history domains, approaches taken. We classified the papers in different areas of knowledge and chosen research themes. Those papers came from fields like the Brazilian Scientific Initiative Program (Programa de Iniciação Científica) or the conclusion graduation papers. We used 441 papers presented in seminars that occur every year, in two different months. We related the student's production with that of their professors and their theoretical references, and also with the general trends in historiography.

Keywords: Historical research; Theory and Methodology of History; UFG-Campus Catalão.

* Artigo recebido em 15 de junho de 2009, submetido à avaliação em 20 de junho de 2009 e aprovado para publicação em 10 de julho de 2009.

Este texto procura agrupar e discutir a produção científica e monográfica dos alunos do curso de História na Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, tomando como objeto de análise a participação destes nos dois eventos realizados pelo referido curso entre 2003 e 2007, ou seja, no espaço de cinco anos: os simpósios do Niesc (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Culturais) e os simpósios de História. Os primeiros realizam-se sempre em meados de maio e os segundos no final de setembro de cada ano. Neles os alunos apresentam comunicações que informam o resultado de suas pesquisas em andamento, mas também intenções de pesquisa, relacionadas muitas vezes a projetos de iniciação científica (PIBIC, PIVIC e PROLICEN) ou ainda referentes à elaboração de suas monografias de conclusão de curso, estas últimas obrigatórias para a obtenção do diploma de graduação. Neste intervalo de tempo é possível localizar um conjunto significativo de trabalhos apresentados pelos graduandos que oferece um rico painel sobre a *vocação* da pesquisa discente do curso nestes últimos anos, bem como sobre as linhas existentes, abordagens mais praticadas além dos temas e assuntos prediletos. A análise deste material pode servir como um índice para se pensar as motivações teórico-metodológicas dos graduandos do curso de História da UFG-CAC e seus objetos de estudo, bem como permite correlacionar os caminhos de pesquisa percorridos aqui com a trajetória mais geral de algumas correntes e abordagens que atualmente predominam nesta área do conhecimento no país. Outrossim, possibilita vislumbrar áreas carentes de estudos, fontes pouco utilizadas e temas ignorados pela pesquisa no âmbito local, dentre outros.

O recorte temporal escolhido, longe de ser o ideal, pautou-se exclusivamente na experiência do professor – um dos autores deste artigo –, que foi docente no curso de História de abril de 2003 a julho de 2008. Assim, acompanhou de perto o desenvolvimento dos trabalhos aqui reunidos, alguns por ele orientados, ou ainda dos quais foi banca de qualificação e defesa.³ Talvez fosse oportuno juntar a esse levantamento o maior conjunto de dados possível, não só as comunicações realizadas, mas também as monografias defendidas nesse período e, ainda em anos anteriores, para se formular um quadro mais abrangente que permitisse maiores generalizações. Não obstante, este estudo preliminar constitui um ponto de partida para análises sistemáticas que certamente deverão surgir. Além do mais, já existe um levantamento feito pela professora Eliane Martins de Freitas (FREITAS, 2002) a respeito da produção monográfica do curso até 2001.

Este texto é uma versão ligeiramente modificada de um outro elaborado em 2005⁴, quando se tratou da produção científica e monográfica entre 2003 e 2004. De lá para cá

algumas mudanças sensíveis no perfil dessa produção foram observadas. Elas estão diretamente vinculadas a dois processos: a reestruturação do curso e de sua grade curricular promovida em 2005, e o ingresso de novos professores, aliado ao retorno de outros que se encontravam afastados para qualificação durante o período analisado.

Uma das justificativas para o presente texto reivindica a necessidade, sempre oportuna, de se fazer balanços ao longo de uma trajetória marcada por um conjunto considerável de pesquisas que precisam revisitar suas raízes, sua natureza e o sentido que adquirem em determinados contextos. Como indica Jörn Rüsen (2000) teoria e pesquisa histórica surgem devido a demandas no presente, motivadas, muitas vezes, pelas carências de sentido. Neste sentido, o curso de História do Campus Catalão, criado em 1991, apresenta um longo percurso marcado pela intensificação das atividades científicas desde sua origem, no qual muitos trabalhos foram realizados e grandes mudanças foram realizadas em sua estrutura, como as já citadas alterações no corpo docente e no currículo. Em 2005 o curso passou a ser semestral ampliando-se a carga horária de prática de ensino. E ingressaram como professores efetivos Julio Bentivoglio (2003), Teresinha Duarte (2004) e Cristiano Arrais (2006). A professora, especialista em Idade Média, incorporou vários alunos a esse período histórico. Os outros dois, são da área de teoria, interessando-se também pela História Regional, promovendo uma ampliação dos estudos sobre Goiás. Alguns professores afastados para qualificação retornaram em 2005 como Luiz Carlos do Carmo que trabalha com História Oral, Valdeci Rezende Borges que se dedica ao estudo de História Cultural, voltando-se para a relação entre História e Literatura, Márcia dos Santos especialista em memória e Eliane Martins de Freitas que se dedica ao estudo de Goiás e de História Política. É sensível o quanto a chegada destes professores reorientou as pesquisas existentes. Saíram para qualificação José Eustáquio Ribeiro, Paulo César Inácio, Cláudio Lopes Maia e Ismar da Costa Silva. Os dois últimos retornaram apenas em 2007. Essas alterações no corpo docente ao lado das mudanças na grade curricular e no plano pedagógico resultaram numa consolidação da pesquisa e numa distribuição dos alunos sob orientação para monografia entre os professores, ampliando-se o leque das fontes utilizadas e dos temas percorridos. É inegável que, a criação e coordenação do arquivo e centro de documentação por Eliane Freitas fez crescer a pesquisa com fontes manuscritas, até então pouco utilizadas. Temas demasiadamente explorados foram lentamente abandonados nos últimos anos; sendo o caso mais específico uma tradicional festa da cidade de Catalão, a Festa do Rosário que era tema caro aos professores Luiz Carlos e Ismar da Costa. Outro ponto a se destacar foram as discussões realizadas em 2005, quando se formulou a proposta para a abertura de uma pós-graduação *stricto sensu* em História, não aprovada pela

Capex, que constituíram ocasiões azadas para se pensar as linhas predominantes de pesquisa, explicitadas nos projetos dos professores e em suas orientações. Esse mesmo projeto foi reestruturado e enviado no começo de 2008, dividindo-se a área de concentração em duas linhas de pesquisa: *Linguagens e Representações Culturais* e *Campos de Experiência e Relações de Poder*. Novamente o programa não obteve aprovação. Mas, aquelas discussões, ao lado da produção discente de pesquisa permitiram a elaboração de uma tabela e alguns gráficos, onde é possível perceber sensíveis transformações na produção científica local. E constatou-se que os estudos de História Cultural e, mais especificamente, a utilização de fontes literárias impressas era hegemônico, seguido de perto por estudos vinculados à História Oral e Social.

Muitas das comunicações elencadas que integram este levantamento resultaram em excelentes monografias de conclusão de curso, bem como possibilitaram o ingresso de vários ex-alunos em programas de pós-graduação em História na UFG, UFU e UFPR, entre outros. Algumas pesquisas desenvolvidas pelos discentes também foram objeto de publicação em algumas revistas científicas, dentre elas a *Opsis* publicação criada no ano 2000 pelo NIESC e que hoje é a revista do curso de História. Vale lembrar que no período recortado houve uma sensível ampliação de alunos bolsistas de iniciação científica em PIVIC, PIBIC e PROLICEN, indicando uma consolidação da pesquisa no curso e uma maior maturidade científica dos corpos docente e discente, que, em 2006 esteve praticamente em condições de igualdade com o curso de História em Goiânia – que já conta com programas de mestrado e doutorado –, obtendo seis bolsas de Iniciação Científica.⁵

A realização desse balanço longe de querer somente retratar um caminho percorrido, espera fornecer subsídios com vistas ao futuro da pesquisa no curso e, porque não dizer, para sua própria consolidação. É uma atividade que somente adquire sentido quando vislumbra novos desafios, ao pensar estratégias e perspectivas com vistas a consolidar e ampliar as atividades de pesquisa, ensino e extensão, procurando ainda valorizar áreas consolidadas e também estimular campos pouco explorados. A meta é orientar futuras intervenções que configurem um amadurecimento do curso e a expansão da pesquisa. Ou, como diz Marcos Freitas:

uma coisa é a política na história, outra é a dimensão que ganha na historiografia. Nesse particular, a historiografia pode ser entendida como o *locus* de intervenção no qual a política (diluída ou magnificada) manifesta-se nas práticas discursivas dos historiadores (FREITAS, 1997: 9).

Não foi tarefa simples fazer o levantamento, tampouco o diagnóstico a partir dos dados obtidos. Logo no início algumas questões surgiram. Em primeiro lugar, a fonte de pesquisa foram os cadernos de resumos publicados e os anais eletrônicos em *cd-roms* desses eventos. Ao todo foram relacionados 441 resumos. É comum que algumas destas comunicações não figurem nesses cadernos, ou devido a problemas técnicos com o disquete entregue – formatação dos dados – ou ainda porque foram integradas de última hora. Outras que figuram no caderno podem não ter sido realizadas, em geral porque seu proponente não compareceu ao local de apresentação da comunicação na data e hora marcada. Em alguns casos o aluno apresenta uma comunicação isolada que não se refere a uma atividade específica de pesquisa, pois em certas ocasiões ele expõe apenas algum trabalho entregue em uma das disciplinas do curso. De qualquer maneira, o fato do resumo constar no caderno, significa que o aluno esteve envolvido com atividades de pesquisa, com a reflexão sobre um problema, envolvendo-se com procedimentos teórico-metodológicos de análise. Tudo isso implica na produção de saberes por parte do corpo discente, não sendo, portanto, possível descartar nenhum resumo publicado.

Outro problema ocorreu com relação ao Simpósio do NIESC de 2007, para o qual não foi confeccionado caderno de resumos, tampouco anais em cd-rom. Como é freqüente que os mesmos proponentes de comunicação deste simpósio novamente participem do simpósio de História, que ocorre em setembro, apresentando aspectos da mesma pesquisa, acreditamos que esse problema não provoque nenhuma alteração radical nos resultados obtidos. Tal lacuna, embora significativa, não implica em comprometimento do balanço e da análise pretendidos neste texto. A rigor, o painel aqui confeccionado configura um panorama bastante próximo da realidade da pesquisa discente no curso de História entre 2003 e 2007 e certamente oferece uma contribuição para futuros balanços.

Outra dificuldade encontrada residiu na ausência de obrigatoriedade de se relacionarem palavras-chave no resumo apresentado. Apenas a partir do V Simpósio de História, junto ao título e resumo da comunicação foram solicitadas até cinco palavras-chave. Assim, como um dos critérios para a avaliação destas comunicações era o universo de assuntos contemplado pelas pesquisas e monografias dos alunos, essa tarefa foi bastante árdua, visto ser preciso avaliar, no resumo, os aspectos abrangidos pela comunicação, sem prévia indicação dos autores sobre quais os assuntos que creditava como mais significativos. Ou seja, esta escolha coube aos autores deste texto, mas também não traz grande prejuízo à análise, visto ser minimamente possível reconhecer os assuntos mais importantes nos títulos e conteúdos dos resumos apresentados pelos alunos com reduzida margem de erro.

Além dos alunos envolvidos na elaboração da monografia de conclusão de curso, existem ainda muitos que desenvolveram atividades de iniciação científica com bolsas PIBIC ou PIVIC do CNPq, bem como outros que foram contemplados com bolsas de PROEC (Programa de Extensão e Cultura) ou de PROLICEN (Programa de Licenciaturas), mantidos pela UFG. De uma maneira geral todos eles são, portanto, incentivados a participarem do calendário de eventos do curso de História, para exporem suas pesquisas e seus trabalhos. A exigência de horas-atividade em ações complementares fomenta ainda mais a participação nos eventos. Os analisados foram, respectivamente:

- a) IV, V, VI e VII Simpósio do NIESC, realizados entre 2003 e 2006;
- b) IV, V, VI, VII e VIII Simpósios de História, realizados entre 2003 e 2007;

O Simpósio do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Culturais vincula-se a esse grupo de pesquisa, criado pela professora Regma Maria dos Santos no ano 2000 e atualmente coordenado pelo professor Valdeci Rezende Borges. Agrupa pesquisadores e alunos de diferentes áreas (História, Comunicação, Letras, Educação Física, etc) e de diferentes instituições. Possui também uma revista, a *Opsis*, que em 2007 foi transformada em periódico do curso de História, que obteve da Capes o *qualis* Nacional C em 2006. Já o Simpósio de História, anteriormente denominado Jornada de História, vincula-se diretamente ao curso e, durante a reunião de planejamento anual é sempre composta uma comissão de três e às vezes quatro professores do departamento responsáveis por sua organização.

O diagnóstico feito possivelmente apresenta deficiências, uma vez que toda atividade classificatória neste campo de estudos nem sempre leva a resultados consensuais. Isso não impede, contudo, que algumas escolhas sejam mais concordes e evidentes, como por exemplo, o tipo de fonte usada pelos alunos em suas pesquisas. Ou os assuntos mais abordados. Escolhido o recorte temporal e os eventos a serem investigados, professor e bolsista de PROLICEN se reuniram para avaliar o material. Algumas considerações de ordem teórico-metodológica foram discutidas, concernentes aos domínios da História, ponderando-se algumas de suas características e, também, de suas problemáticas. A leitura de algumas obras fundamentais a esse respeito permitiu que se formulasse um universo do campo historiográfico, em suas principais áreas, sobretudo livros como *Domínios da História* (CARDOSO & VAINFAS, 1995) e *Campos da História* (BARROS, 2005). Foi também necessário contemplar as sugestões de linhas temáticas feitas pelo CNPq, embora a classificação que ofereça não seja muito satisfatória, visto agrupar grandes períodos históricos ou temas, como História do Brasil, ou ainda História Antiga e Medieval. Optou-se por indicá-

las também separadamente, para maior visibilidade dos períodos e das grandes áreas visitados pelas pesquisas dos alunos no campus.

O universo da pesquisa histórica foi dividido em quatro áreas fundamentais, ou domínios da história, algo já consensual nos estudos a esse respeito: História Política, História Social, História Econômica e História Cultural. Tal expediente não deixa de ter inconvenientes, em particular a dificuldade de se estabelecer fronteiras entre, por exemplo, a História Social e a História Cultural, cujo debate é intenso (FALCON, 2006). Ou ainda entre a História Política e a História Social, num momento em que a interdisciplinaridade e o uso de categorias das demais ciências sociais tem sido cada vez mais intensificado, rompendo margens muitas vezes encaradas como intransponíveis. Optou-se por extrair no conteúdo dos resumos o cerne, o horizonte temático sugerido pelos próprios alunos, evitando-se incluí-los em área que não fosse de escolha explicitada por eles, embora nem sempre isso fosse muito evidente. Outra dificuldade encontrada foi a existência de trabalhos relacionados com História do Tempo Presente, História do Cotidiano e também História Oral em que os autores tiveram dificuldades em optar seja pela inserção nos estudos. Algumas vezes o uso da fonte oral, a realização das entrevistas vislumbrava um diálogo com as representações, com o imaginário social, sendo, portanto, difícil enquadrá-las nos domínios da História Social. Excetuando estes casos, via de regra, a equipe procurou integrar os estudos de memória e de História Oral na rubrica História Social, salvo aqueles que tinham como problemática a política ou relações de poder, que se incluíram na História Política, ou do imaginário, inseridos em História Cultural.

Outro critério utilizado para avaliar o trabalho de pesquisa dos alunos de graduação referiu-se às principais fontes utilizadas na pesquisa, ou seja, vincula-se às práticas e às abordagens efetuadas a partir do material escolhido. Foram divididas da seguinte maneira: fontes manuscritas, orais, impressas ou iconográficas. Talvez fosse o caso de adotar ainda uma outra classificação: fontes digitais. O uso cada vez mais freqüente da Internet como ferramenta de pesquisa e de consulta criou um novo tipo de fontes, bem como uma novas maneiras de explorá-la. Além destas utilizou-se a categoria *não indicada*, porque, às vezes, no resumo, palavras-chave ou título da comunicação não foi possível identificar o tipo de fonte utilizada. Nesse particular os resultados foram bastante elucidativos. Há um predomínio de pesquisas que se utilizam ou de fontes impressas ou de fontes orais. São raros os trabalhos que se servem de fontes manuscritas, no passado muitas vezes chamadas de fontes primárias. Também são poucos aqueles que privilegiam as fontes iconográficas. Sob essa rubrica o tipo de estudo mais comum era voltado para o cinema, alguns para a televisão e nenhum para a pintura ou a fotografia.

Um terceiro campo de diagnóstico, talvez o mais complicado, destinou-se a pensar as principais linhas temáticas exploradas pelos alunos. Ou seja, as dimensões da pesquisa, o modo como os graduandos exploram seu trabalho integrando-o num determinado horizonte historiográfico. Assim, a partir das referências fornecidas pela bibliografia sobre domínios, campos e abordagens historiográficas foram estipuladas respectivamente em: Teoria e Filosofia da História, História Antiga, Medieval, Moderna, Contemporânea, História da América, História do Brasil Colônia, Brasil Império, Brasil República, História do Tempo Presente, História Regional, História Local, História do Cotidiano, História do Imaginário, História da Arte, História da Igreja, História Urbana, História Agrária, História de Empresas, História da Família, História Demográfica, História da Vida Privada, História das Mulheres, História e Etnia, História e Religiosidades, História do Direito, Micro História, Prática e Ensino de História. Devido à existência de numerosos trabalhos que se pautavam na análise de obras de cunho literário, em prosa e alguns também em verso, optou-se por criar a categoria História e Literatura. Tal escolha motivou-se pelo fato de que muitas dessas comunicações procuravam compreender um determinado momento histórico ou uma determinada realidade a partir do modo como era captado e ficcionalizado em uma obra literária, buscando-se interfaces com o real. Tal fato revela uma tendência verificada nos últimos anos, em vários encontros da Anpuh nacional e mesmo regionais, com a existência de simpósios temáticos dedicados a esse tipo de estudo. Como critério de separação entre História Local, Regional ou de Goiás, utilizou-se a abrangência da análise realizada pelo aluno. Assim trabalhos específicos sobre um lugar, um prédio, um bairro ou uma cidade foram caracterizados como Local, se sua abrangência assumia uma amplitude espacial maior, optou-se por História Regional, e, finalmente, caso tratasse de um fenômeno ou problema maior relacionado à província ou à Goiás, utilizou-se História de Goiás. Em História Urbana foram agrupados os trabalhos que trataram de aspectos relacionados com a modernização, com o desenvolvimento das cidades, como praças, emancipação política, urbanização, dentre outros. Uma parte dos trabalhos que poderiam ser relacionados à chamada História Oral foram rubricados em História do Cotidiano ou em História Local, visto se referirem a estas problemáticas de maneira mais incisiva e não exatamente à fonte utilizada. Não raro foi possível perceber que havia o uso apenas incidental de depoimentos. Como se vê, foi preciso cruzar diferentes aspectos do texto, tema principal, preocupações de ordem secundária, opções do próprio aluno em relação à classificação de sua pesquisa, enfim, para melhor adequá-la nas rubricas. Assim, caso o aluno indicasse algum problema de pesquisa mais específico como o cotidiano de trabalhadores, o lazer numa praça, a festa do Rosário, dentre

outros ficava mais evidente o caminho classificatório. Igualmente, caso a pesquisa assumisse um caráter mais geral, era possível vinculá-la, ora à História do Brasil Republicano, ora à História de Goiás, ora à História Local, etc.

O último tópico classificatório tratou do espectro de assuntos abordados. O intuito foi de apontar o maior número possível, preservando sua variedade e diversidade a fim de melhor caracterizar a amplitude dos trabalhos produzidos pelos alunos de graduação. De uma maneira geral, predominaram os estudos relacionados com a cidade de Catalão, embora nem sempre contemplando aspectos de sua história mais remota e sim de eventos bastante recentes. Nesse ponto houve uma certa dificuldade, pois ora o aluno privilegiava a cidade, ora a abordagem via fonte oral, ora temas muito recentes. Tomou-se como critério para confecção do gráfico relacionar apenas os assuntos que tiveram mais de 20 (vinte) citações como palavras-chave ou como índices do tema pesquisado. E para cada comunicação eram extraídas no mínimo três palavras-chave. Assim, foram compostos dois gráficos, no primeiro todos os outros assuntos com menos de 20 citações foram agrupados na categoria *outros* a fim de mostrar realmente a variedade de matérias abordadas face aos assuntos mais explorados, e depois apenas estes com mais de 20 citações a fim de indicar o peso geral que têm face aos demais. Para a exposição aqui, utilizamos apenas este segundo gráfico, com os assuntos mais abordados.

É possível afirmar que a diversidade de assuntos e temas percorridos pelos alunos subsume-se ao fenômeno apontado, no início dos anos 1980 por François Dosse como a fragmentação da história. Segundo este autor, a terceira geração dos *Annales*, bem como os representantes da Nova História Cultural, abandonaram o projeto da história total, caro ao paradigma marxista e aos fundadores dos *Annales*, optando por pesquisas monográficas e com recortes bastante específicos (cf. DOSSE, 2004). No mesmo sentido afirma José D'Assunção Barros

[...] o oceano da historiografia acha-se hoje povoado por inúmeras ilhas, cada qual com a sua flora e a sua fauna particular. Ou, para utilizar uma metáfora mais atual, podemos ver a historiografia como um vasto universo de informações percorrido por inúmeras redes, onde cada profissional encontra a sua conexão exata e particular (BARROS, 2002: 9).

Na tabela e nos gráficos abaixo estão indicados os resultados obtidos, bem como breves considerações a respeito das informações que trazem. De um modo geral, percebe-se, ao lado de trabalhos realizados mediante formas tradicionais de análise, um considerável número de trabalhos vinculados ao paradigma denominado, genericamente, pós-modernista por Ciro Flamarion Cardoso (1995). Segundo este autor, o que hoje em dia tem predominado

na História é um tipo de interpretação com nítidos ranços kantianos em que as ciências humanas são entendidas como distintas das demais ciências e cuja pesquisa está amparada na compreensão dos fenômenos históricos, com a valorização da subjetividade do pesquisador e dos atores sociais e na percepção do passado como textualidade. Ou seja, os historiadores partem das representações e dos níveis de discursividade das *epistemes*, abandonando o analítico, o estrutural e as macroanálises.

Esta posição toma como postulado tido como evidente por si mesmo – a idéia de que discurso e realidade humana (individual ou coletiva) são grandezas incomensuráveis: o primeiro falaria por tal razão sempre sobre si mesmo, a pretexto de falar sobre a segunda (...) Em outras palavras, o conhecimento humano em todas as suas formas tem a ver com linguagens (no sentido semiótico: verbais tanto quanto não-verbais) e processos de significação (semioses) (CARDOSO & VAINFAS, 1997: 17).

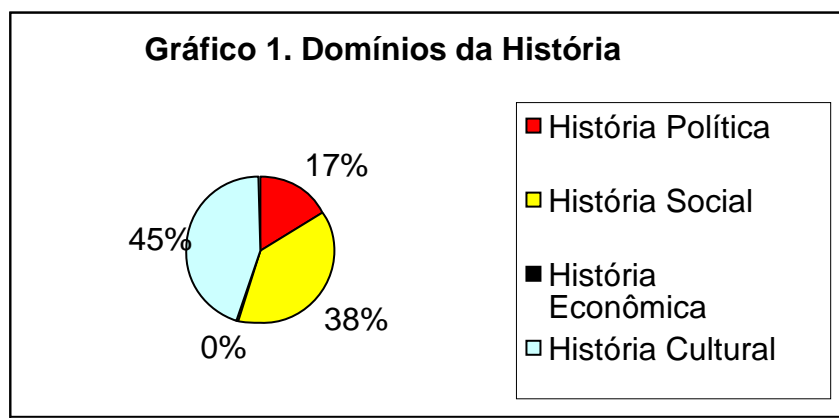
Os riscos desse tipo de abordagem implicam muitas vezes na construção de histórias excessivamente atomizadas, que não levam em conta processos históricos mais amplos, além de exacerbar o relativismo, mediante a utilização do método hermenêutico, que descamba, muitas vezes para o subjetivismo. Jörn Rüsen levanta sérias objeções ao paradigma pós-modernista. Para ele, a exacerbação do relativismo, do local, do subjetivo, podem conduzir a uma naturalização dos fenômenos históricos, ao sentimentalismo, ao irracionalismo e ao misticismo, ou seja, tornando os trabalhos auto-referentes em si mesmos (RÜSEN, 2000). Por sorte, a partir de 2005 tem surgido uma expressiva quantidade de trabalhos que procuram analisar realidades mais amplas, como são os estudos voltados para a História de Goiás.

Tabela 1. Simpósios realizados pelo curso de História entre 2003 e 2007.

Área	Simpósio										
	Niesc 2003	Niesc 2004	Niesc 2005	Niesc 2006	Niesc 2007	História 2003	História 2004	História 2005	História 2006	História 2007	TOTAL
História Política	6	12	10	8	-	8	5	8	8	8	73
História Social	16	12	21	25	-	12	24	26	17	15	168
História Econômica	0	0	0	0	-	0	0	0	0	0	0
História Cultural	23	19	27	22	-	24	27	20	19	19	200
Total	45	43	58	55	-	44	56	54	44	42	441

Fonte: Cadernos de Resumo e Anais Eletrônicos dos Simpósios de História e do NIESC (2003-2007)

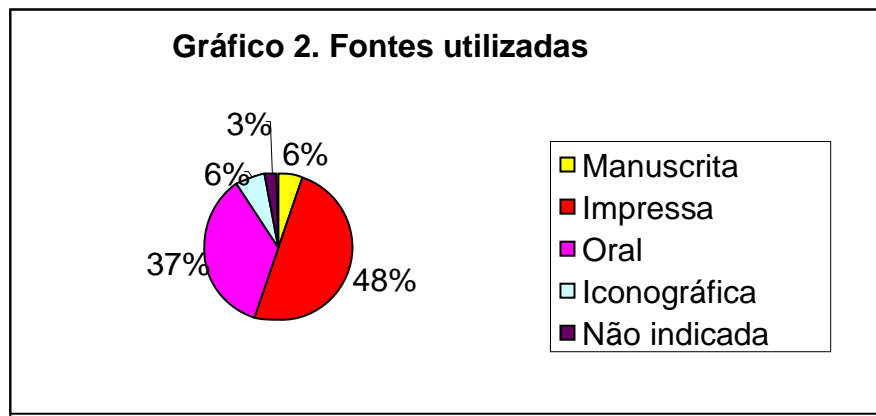
A Tabela 1 indica a quantidade de comunicações abordadas nos simpósios escolhidos, agrupando-as segundo os domínios da História. Há uma média de 49 trabalhos apresentados pelos alunos. Em um universo de aproximadamente 120 alunos matriculados, esta é uma média alta, ou seja, praticamente 40% do corpo discente se envolve com as atividades dos eventos científicos apresentando comunicações. Lembramos que não foram aqui reunidos os trabalhos apresentados por alunos de graduação de outros cursos, bem como dos professores e pós-graduandos do curso de História. Majoritariamente predominam os estudos vinculados à História Cultural, com 200 trabalhos, seguidos por 168 trabalhos em História Social.



Fonte: Cadernos de Resumo e Anais Eletrônicos dos Simpósios de História e do NIESC (2003-2007)

O gráfico 1 indica a distribuição dos trabalhos nos quatro grandes domínios da História, percentualmente. Ele ilustra a pujança da História Cultural, visto que 45% de toda a produção monográfica vincula-se a essa área. Essa alta concentração espelha o que ocorre em boa parte das pesquisas realizadas no Brasil em que esse domínio historiográfico tem sido hegemônico, algo detectado nos principais eventos do calendário nacional. Em seguida, com 38% dos trabalhos, aparecem as pesquisas na área da História Social, incluídos aqui a maioria dos trabalhos relacionados com a abordagem de História Oral. Depois, com 17% do conjunto de comunicações realizadas nos quatro últimos simpósios surgem os trabalhos em História Política, domínio que tem recebido cada vez mais novos olhares pela historiografia, reabilitado mediante novas abordagens teórico-metodológicas (RÉMOND, 1997). Por fim, um dos domínios ignorados pelos alunos no campus é a História Econômica, reflexo do que ocorre nas pesquisas realizadas em boa parte dos cursos de graduação em todo Brasil. Desde os anos 1970 ocorreu um sensível declínio dos estudos relacionados com a economia na graduação, embora exista uma pujança em alguns programas de pós-graduação como na USP, UNICAMP e UFF. No caso do UFG-CAC a inexistência da disciplina Economia no currículo de História, bem como de outras disciplinas relacionadas a essa esfera do real, como História

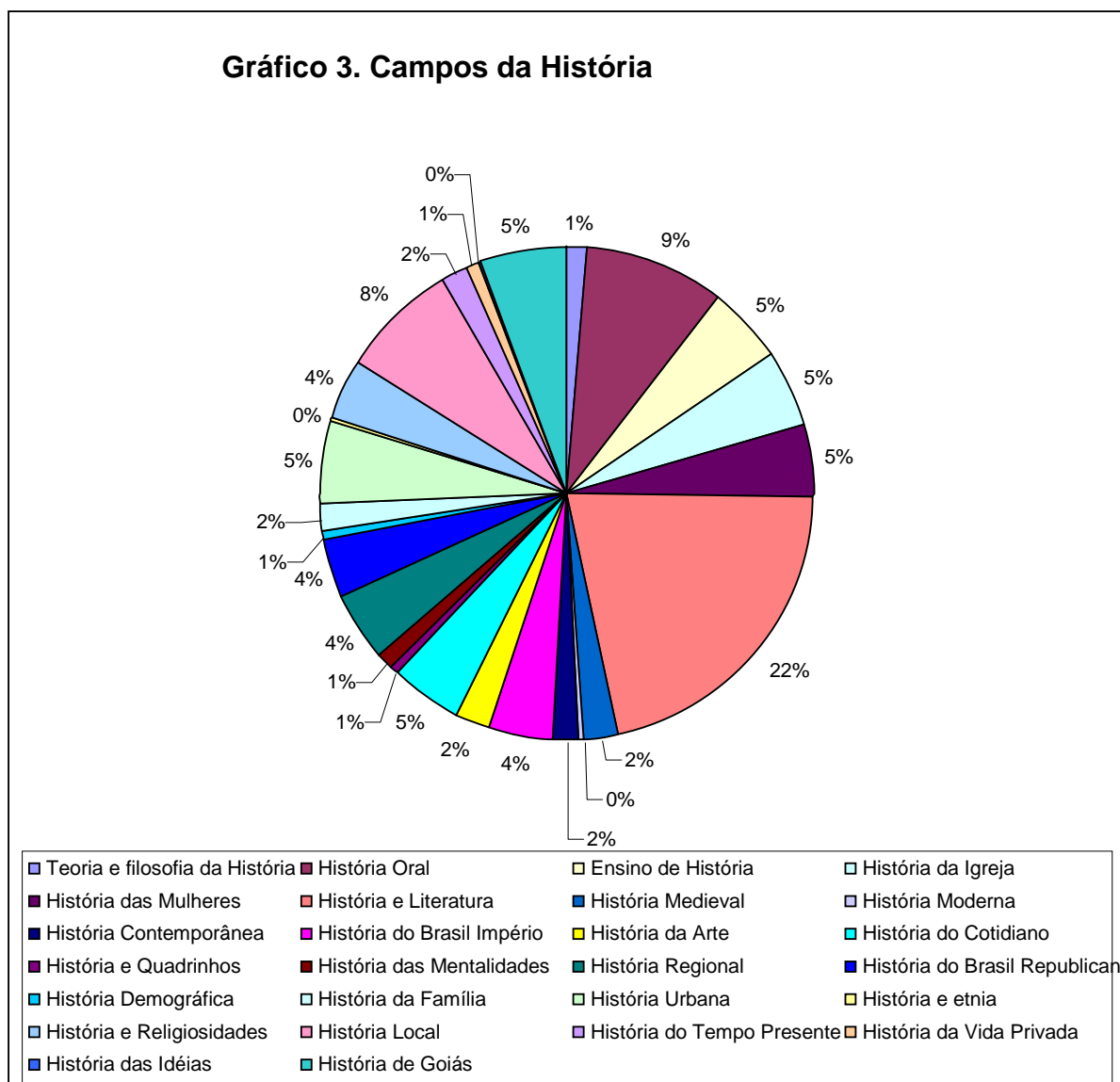
Econômica ou Formação Econômica e Social do Brasil contribuem para a ausência de numerosos estudos.



Fonte: Cadernos de Resumo e Anais Eletrônicos dos Simpósios de História e do NIESC (2003-2007).

No gráfico 2 apontam-se as fontes utilizadas pelos alunos em suas pesquisas. Quase a metade dos alunos opta por trabalhar com as fontes impressas, 48% no total, perfazendo ao todo 216 comunicações nos simpósios analisados. Outro conjunto expressivo prefere trabalhar com as fontes orais, representando 37%, com 161 alunos. Apenas 6% das pesquisas serviram-se de fontes manuscritas em apenas 25 pesquisas, o mesmo percentual para iconográficas, embora estas últimas totalizem 27 indicações nos resumos. Esse dado coloca a necessidade de se incentivar os alunos à pesquisa junto a Arquivos, Museus, Centros de Documentação, Cartórios e outras instituições que guardam esse tipo de documentação, bem como pelo interesse em torno da história das imagens, que hoje se apresenta como um campo novo, a ser explorado e que ainda carece de um referencial teórico mais específico (MENEZES, 2003). De qualquer modo, o gráfico 2 mostra que é preciso desenvolver estratégias para que os alunos possam tomar gosto pela pesquisa arquivística de fontes manuscritas. A precariedade dessas instituições em Catalão e cidades vizinhas não justifica esse abandono, haja vista, que diversos órgãos encontram-se organizando seus documentos. Outrossim, o descaso pela documentação manuscrita é um indício de que muitos alunos não estão familiarizados com esse tipo de fonte, que é responsável por uma visão profunda e original de importantes temas relacionados com a História. Em particular nessa região, onde inúmeros objetos permanecem ainda inexplorados. Em relação às imagens, o interesse por estudá-las tem crescido, mas a área ainda carece de maior fundamentação de estudos. Do total, 12 alunos não relacionaram claramente que tipo de fonte utilizaram em seus estudos.

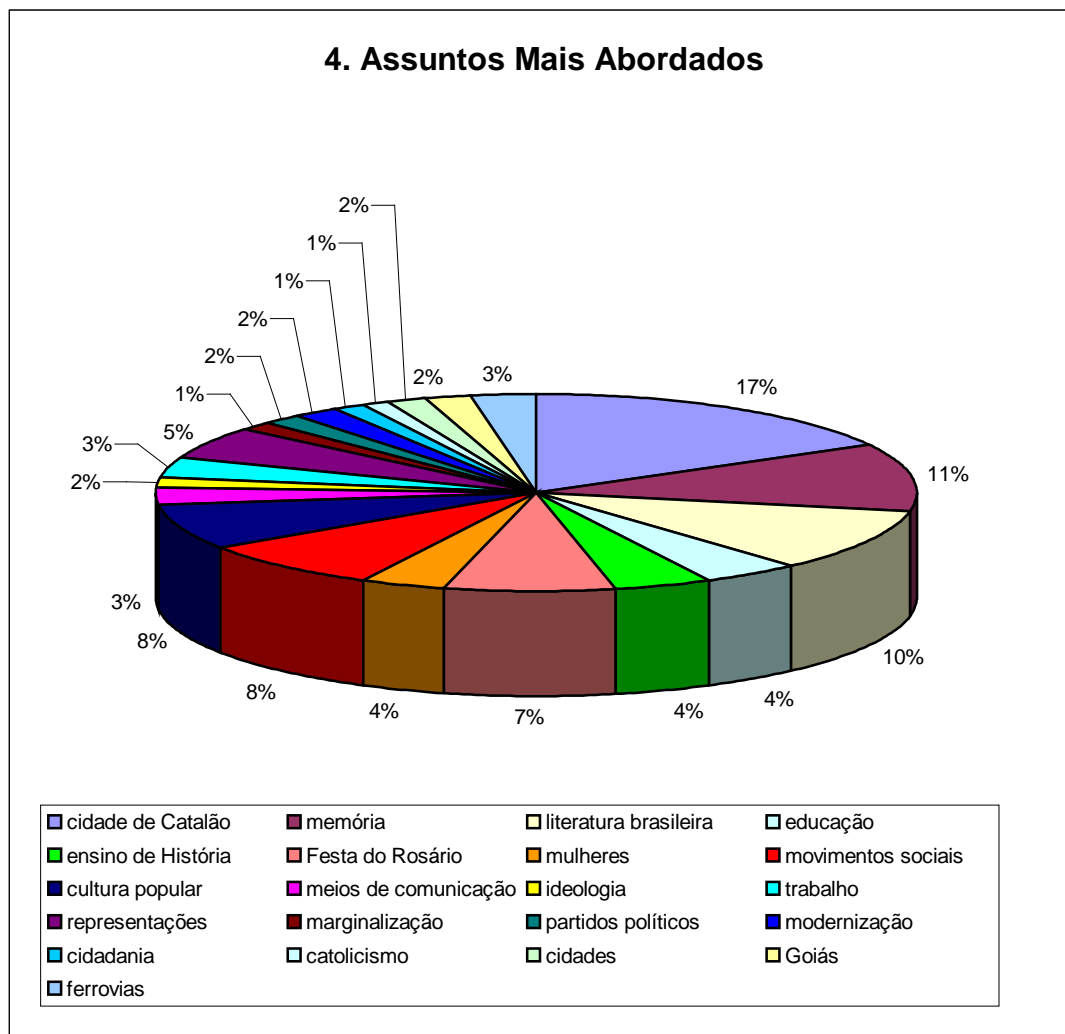
No gráfico 3 estão indicados as temáticas ou os campos da história mais percorridos pelos alunos em suas comunicações. Optou-se por criar a categoria História e Literatura, pois, como se vê, ela obtém o maior conjunto de trabalhos, com 22%. Ao todo foram 95 resumos que lidavam com o uso da fonte literária como referência analítica. No curso, as pesquisas que tomam obras ou textos literários como objeto de estudo, sempre tiveram alta procura, bem como representam projetos de pesquisa de um conjunto significativo de professores, como Regma Maria dos Santos, Valdeci Rezende e Getúlio Cunha. História Oral vem em seguida, com 9% de referências que reuniram 45 estudos. É forçoso lembrar que esse percentual certamente se ampliaria se se incluísse História do Cotidiano, que aparece com 5% de indicações (21 pesquisas), visto muitos desses trabalhos servirem-se da fonte oral. Mais uma vez encontramos aqui um conjunto de quatro professores que tem neste campo a maior parte de sua produção científica. História Local aparece em terceiro lugar com 8% dos trabalhos, abarcando 34 resumos, que também poderia ser agregada à História Regional, que aparece com 4%, visto História Local não ser uma classificação muito utilizada pelos historiadores. Empatados com 5% de referências aparecem História das Mulheres, História e Religiosidades, História de Goiás, Ensino de História, História do Cotidiano e História da Igreja. Mas é forçoso indicar que História de Goiás aparece em 23 trabalhos, Ensino de História e História do Cotidiano em 21, História das Mulheres em 20, de maneira que a transformação desses números em percentuais acabou por homogeneizá-los. Os outros campos foram menos explorados pelos alunos. Em relação ao levantamento feito em 2005, História e Literatura manteve a alta procura, bem como História Oral. O conjunto de trabalhos sobre Ensino de História caiu bastante, pois até 2004 era muito escolhido pelos alunos. Talvez isso se explique devido ao fato de que houve uma maior variação dos campos explorados. História Local e Regional também diminuíram, ao passo que se ampliaram os estudos em História da Igreja e História das Mulheres. Forçoso é lembrar que todos os campos que obtiveram entre 5% e 4% indicam um conjunto bastante expressivo de trabalhos, entre 16 e 20 referências.



Fonte: Cadernos de Resumo e Anais Eletrônicos dos Simpósios de História e do NIESC (2003-2007)

O último aspecto contemplado neste texto diz respeito aos assuntos abordados nas comunicações, relacionados no Gráfico 4. Devido à multiplicidade de aspectos optou-se por relacionar apenas os mais explorados, com pelo menos vinte indicações. Fizemos uma simulação, agrupando todos os assuntos que apareceram menos de 20 vezes e tornou-se evidente a diversidade de matérias tratadas pelos alunos de História: 13%, da produção científica local reunia um conjunto variado de temas, cujo percentual superou literatura brasileira ou da cidade de Catalão, que correspondem aos assuntos mais estudados. Optamos por desprezar essa simulação e fazer apenas uma tabela com as matérias mais abordadas. Os três assuntos que mais se destacaram foram: em primeiro lugar a cidade de Catalão, como

objeto predileto em 17% do percentual. Fato compreensível, haja vista ser a cidade onde está localizado o campus da UFG e de onde é a grande maioria dos alunos do curso de História. Em seguida surge, com 11% memória, um dos assuntos mais referidos nas comunicações, visto boa parte dos alunos se dedicarem à História Oral ou se utilizar de entrevistas para a execução de suas pesquisas. Com 10% surgem os trabalhos que tratam de algum autor ou obra da literatura brasileira relacionando-o à História. Essa ordem é a mesma encontrada em 2005. Logo depois, outros assuntos muito freqüentes são os movimentos sociais, com 8% dos trabalhos, incluídos aí aspectos que vão desde o movimento estudantil, operário, sindical. Optou-se por reunir nesta rubrica todos os movimentos sociais. Também com 8% encontram-se as pesquisas que abordam a cultura popular, inseridas no universo da cultura, influenciadas por autores como Peter Burke, Carlo Ginzburg ou ainda Clifford Geertz. Outro assunto recorrente é a Festa do Rosário, evento tradicional da cidade de Catalão que aparece com 7% dos assuntos mais citados. Em seguida vêm as representações. Como boa parte dos trabalhos vinculam-se à História Cultural, nada mais compreensível que a menção freqüente de um de seus principais conceitos. Por fim aparecem os trabalhos relacionados com educação e ensino de História com 4% empatados com os estudos relacionados ao catolicismo e à História da Igreja, também com 4%. Como o curso do CAC-UFG oferece as duas modalidades, bacharelado e licenciatura, tais pesquisas revelam um aspecto bastante salutar do corpo discente em pensar sua prática profissional em sala de aula, embora esse tipo de estudos tenha diminuído sensivelmente de 2005 para 2007. Catolicismo surge como uma área representativa de estudos por conta da linha de pesquisa de dois professores do curso, bem como por integrarem muitos estudos que lidam com a festa do Rosário.

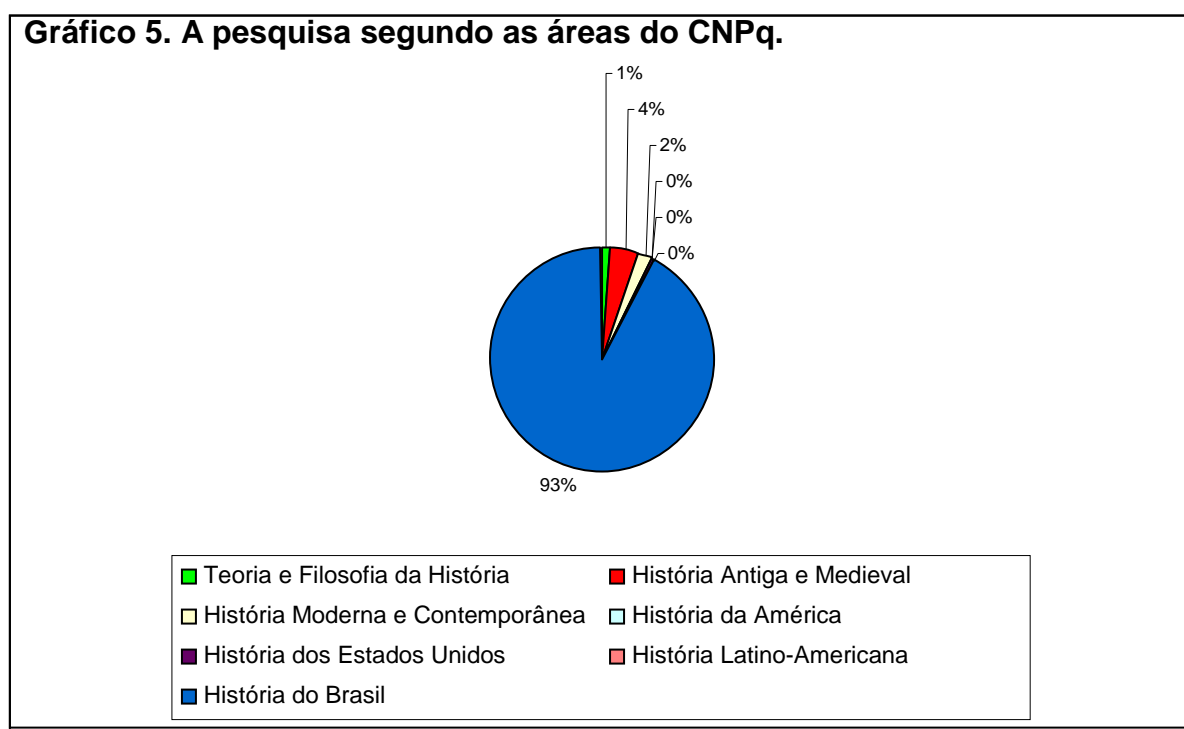


Fonte: Cadernos de Resumo e Anais Eletrônicos dos Simpósios de História e do NIESC (2003-2007).

Entre outros assuntos apontados que apareceram nas comunicações realizadas entre 2003 e 2007 nos eventos de História do CAC-UFG figuram vários outros, alguns deles listados em ordem alfabética a seguir: árabes, Araguari, arquitetura, assombrações, Bernardo Guimarães, bóias-frias, bombeiros, Brás José Coelho, caipira, câmara municipal, Campo Alegre de Goiás, capitalismo, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Heitor Cony, carroceiros, casamento, Collor, congadas, Cornélio Ramos, coronelismo, corpo, Corumbaba, costureiras, crônicas, Cuba, Cumari, Davinópolis, desemprego, disciplina, Divinópolis, divórcio, empregadas domésticas, espiritismo, evasão escolar, Feliz Ano Velho (livro), Fernando Moraes, ferrovia, festa, folia de reis, fome, footing, globalização, ideologia, imagem, imigrantes, imprensa, industrialização, infância, informática, Ipameri, Irmãs Catequistas de Nossa Senhora da Visitação, Jamil Sebba, João do Rio, Jorge Amado, jornalismo, José de Alencar, justiça, leis, lendas, Lima Barreto, loucura, Lula, machismo,

Mário Vargas Lhosa, mineradoras, Morro das Três Cruzes, movimento operário, movimento estudantil, mulheres, negros, Nova Aurora, Olavo Bilac, Orizona, Ouvidor, partidos políticos, Partido dos Trabalhadores, patriarcalismo, patrimônio, pedintes, Pires Belo, pobreza, política, Programa Salário Escola, Quem Matou Pixote (filme), Racionais MC's, rádio, Rap, Renovação Católica Carismática, repressão sexual, Rio de Janeiro, Santo Antônio do Rio Verde, sapateiros, Sarney, saúde, sertão, sindicato, Sorriso do Lagarto (obra), televisão, Teologia da Libertação, trabalho, trabalhadores, Turismo, velhice e violência. A lista é muito maior, contudo tomaria enorme espaço e fugiria das intenções originais deste texto indicá-la por completo. Todavia ilustra a multiplicidade de interesses nos estudos desenvolvidos.

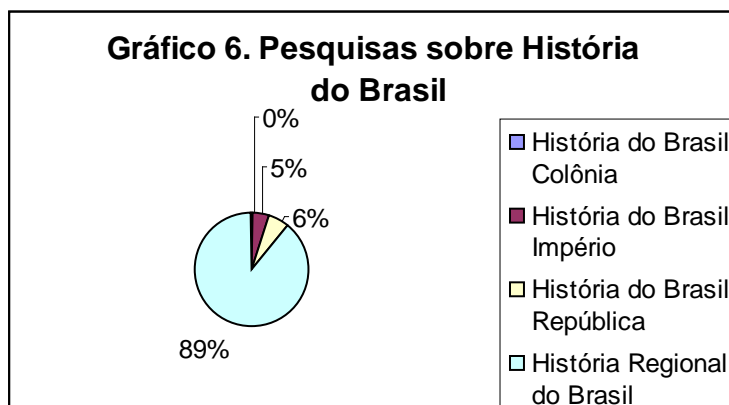
No gráfico a seguir, relacionamos o conteúdo da pesquisa dos alunos divididas pelas áreas do CNPq.



Fonte: Cadernos de Resumo e Anais Eletrônicos dos Simpósios de História e do NIESC (2003-2007).

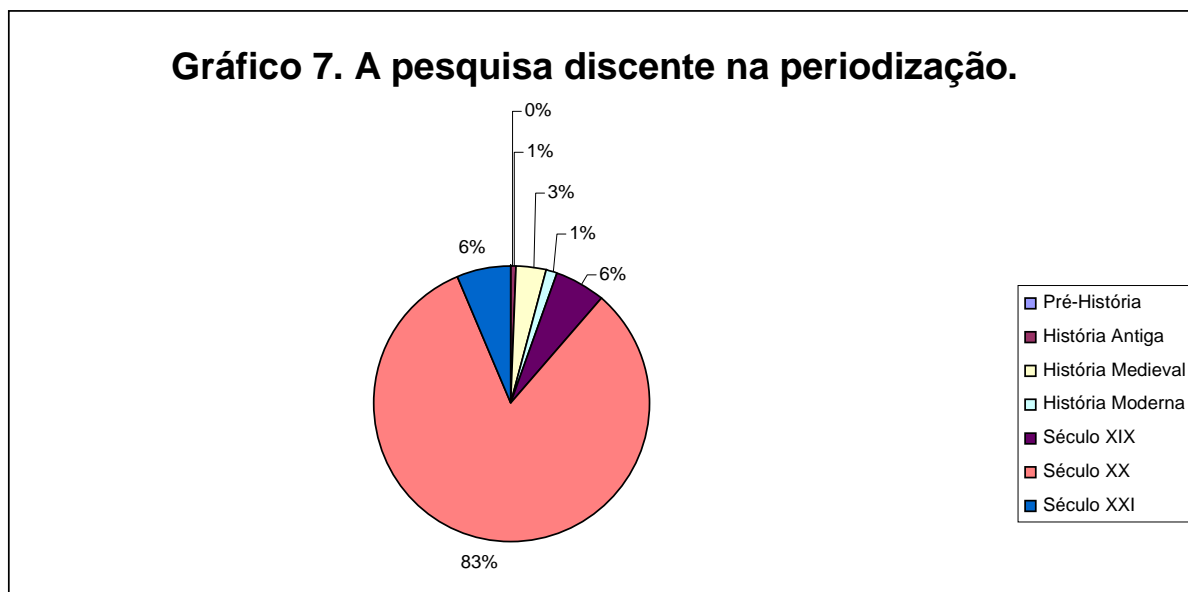
Nesta classificação do gráfico 5, vemos um dado bastante esclarecedor que ilustra, segundo os critérios adotados pelo CNPq os domínios dentro da área de História mais abordados nas pesquisas no campus. Majoritariamente os alunos trabalham com História do Brasil, perfazendo 93% do total, em seguida vem os estudos sobre História Antiga e Medieval com 4%, depois História Moderna e Contemporânea (2%) e por fim Teoria e Filosofia da

História. Como se vê, há um absoluto desinteresse pelo estudo da História da América e pela História dos Estados Unidos.



Fonte: Cadernos de Resumo e Anais Eletrônicos dos Simpósios de História e do NIESC (2003-2007).

No Gráfico 6, selecionamos o total de trabalhos voltados para a História do Brasil, separando-os por meio de uma periodização tradicional para localizarmos quais os períodos mais visitados pelos alunos em seus trabalhos. Mais uma vez se observa o peso do lugar, da região pautando a escolha. Muitos dos objetos tratados voltam-se para a História Regional do Brasil, somando 89% dos trabalhos apresentados nos simpósios, seguidos pelos estudos a respeito do Brasil Republicano com 6% e, Brasil Império com 5%. Isso caracteriza uma preocupação maciça com a história mais recente do país, tendo o século XX a maior procura. Evidentemente que a dificuldade de se encontrar e manusear fontes produzidas no século XIX ou nos anteriores pelos alunos é um fator que explica a forte incidência de estudos voltados para o século XX e XXI. No Gráfico 7 fizemos essa distinção.



Fonte: Cadernos de Resumo e Anais Eletrônicos dos Simpósios de História e do NIESC (2003-2007).

Tomando a periodização clássica como referência, o que se observa no Gráfico 7 é majoritariamente o interesse pelo estudo de temas ocorridos no século XX, perfazendo 83% das comunicações. Em seguida, vêm, empatados os estudos sobre o século XIX e sobre o século XXI, com 6% das escolhas, o que informa uma preferência absoluta pelos estudos em torno da época contemporânea. Depois, com 3% das escolhas surge o período medieval, e, por fim, História Antiga e Moderna, com 1% cada. Como se vê não há nenhum trabalho que aborde a pré-História. Esse dado é forte indicativo da necessidade de se ter professores cuja formação e qualificação esteja voltada para esses períodos. Explica-se: não há no curso nenhum especialista ou pesquisador em Pré-História, História Antiga ou História Moderna atuando no departamento de História do CAC-UFG. Essa carência se reflete no desinteresse dos alunos por esses períodos, visto não encontrarem orientadores com produção nestes momentos. A grande maioria dos professores do curso tem sua formação voltada para a História do Brasil Contemporâneo e há, em relação aos outros períodos, apenas uma professora especialista em Idade Média portuguesa.

Como se pode observar, nestes últimos cinco anos, entre 2003 e 2007 os simpósios tiveram sempre uma média de 49 comunicações, número bastante expressivo uma vez que o total de alunos de graduação existentes por ano é de cerca de 120 alunos. Isso revela que aproximadamente metade dos alunos estão envolvidos com atividades de pesquisa, confeccionando o projeto ou suas próprias monografias de conclusão de curso, bem como integrando projetos de iniciação científica. Levando em conta que no último ano em torno de

30 alunos concluem a graduação e que no terceiro ano começam a desenvolver seus projetos uns 35 alunos, observa-se que não é, contudo, a totalidade dos graduandos envolvidos com a monografia que participam dos simpósios expondo comunicações. Alguns não expõem seus estudos devido ao horário em que se realizam as sessões durante a semana e sempre no período da tarde. No futuro, é possível se pensar em mecanismos para ampliar um pouco a participação discente expondo trabalhos nos simpósios do curso, para 60 alunos em média, embora, é forçoso dizer, que o envolvimento dos graduandos não seja nada desprezível até o momento. Nos eventos verificados, 441 comunicações foram feitas pelos graduandos e encontram-se aqui analisadas. Notamos que a distribuição da pesquisa entre os dois eventos é bastante proporcional e equilibrada. Ambos são bastante procurados pelos alunos e têm cumprido seu papel de estimular a interlocução, o debate e a pesquisa no curso.

Não se pode, porém, ignorar o quanto este levantamento indica algumas questões que precisam ser discutidas, pois ele não deixa dúvidas quanto a áreas de estudos carentes e, sobretudo, muitas que são ignoradas, particularmente a pré-História, a História Antiga e História Moderna. Igualmente, este pequeno esboço da pesquisa discente revela o desinteresse absoluto pela História Econômica, História das Ciências, História da África, História Demográfica, História da Família, História da Arte e pela História da América, dentre outras. A ênfase de estudos sobre História Regional, ou sobre a História de Goiás, embora pujante e necessária, por sua vez, não tem sido acompanhada pelo uso de fontes manuscritas, privilegiando a utilização de fontes impressas ou orais, revelando a necessidade de envolvimento do curso com projetos de organização e sistematização dos acervos existentes na região. A inexistência de arquivos, centros de documentação e museus históricos municipais no sudeste goiano, salvo Catalão, tem sido determinante para o desinteresse pelas fontes manuscritas. Mas esta é uma realidade que vem mudando, sobretudo após a criação e início de projetos vinculados ao Centro de Documentação e Pesquisa de Catalão CDPEC-CAC/UFG.

Espera-se que esse breve estudo possa ilustrar a produção dos alunos do curso de História, explicitando seus contornos mais gerais, suas escolhas e abordagens suscitando o debate necessário para a consolidação das atividades de pesquisa, ensino e extensão no campus, bem como sinalizando um debate que é mais que necessário nos diferentes cursos de graduação em História existentes no Brasil. Embora sumário e parcial este pequeno levantamento possibilita a reflexão sobre a íntima relação entre formação e pesquisa docente com a investigação científica na graduação, revelando a importância das atividades de extensão como momento não só de debate e interlocução, mas, sobretudo como índice para se

equacionar vocações de pesquisa, iluminando suas virtudes e seus campos mais vigorosos, bem como indicando áreas mais carentes.

Referências

- BARROS, José D'Assunção. *O campo da história*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CARDOSO, C. F. & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- DOSSE, François. *A história em migalhas*. Bauru: Edusc, 2004.
- FALCON, Francisco C. *A história cultural*. Rio de Janeiro: Campus, 2006.
- FREITAS, Eliane Martins de. *Produzindo história, pensando o local: a produção monográfica dos alunos do curso de História (1995-2001)*. Uberlândia: Aspectus, 2002.
- FREITAS, Marcos Cezar (Org). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1997.
- MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório e propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, v. 23, nº 45, p. 11-36 – 2003
- RÈMOND, René. *Por uma nova história política*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.
- RÜSEN, J. *A razão histórica*. Brasília: Ed. Unb, 2000.

Notas

¹ Professor adjunto do Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo.

² Bolsista Prolicen (2007-8) e graduanda em História na UFG-CAC.

³ No curso de História da UFG-CAC as monografias são avaliadas por uma Banca Examinadora que decide sua aprovação, compostas pelo orientador do trabalho e mais dois professores.

⁴ Apresentado no I SEPEC, cujo texto integra a edição eletrônica dos anais em Cd-rom do evento.

⁵ Eis os números: 2000 - 01 PIBIC/CNPq; 01 PROLICEN; 2001 - 03 PIBIC/CNPq; 02 PROLICEN; 2002 - 01 PIBIC/CNPq; 01 PROLICEN; 2003 - 01 PIBIC/CNPq; 2004 - 02 PIBIC/CNPq; 01 PROLICEN; 01 PROBEC; 2005 - 10 PIBIC/PIVIC CNPq; 04 PROLICEN, 2006 - 09 PIBIC/PIVIC CNPq; 6 PROLICEN; 2007 - 03 PIBIC/PIVIC CNPq; 5 PROLICEN.